



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

WEVERTON ALEXANDRINO ALVES

PARQUE INDUSTRIAL – AS MULHERES SUBVERSIVAS

GUARABIRA – PB

2015

WEVERTON ALEXANDRINO ALVES

PARQUE INDUSTRIAL – AS MULHERES SUBVERSIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como exigência para a obtenção do título de licenciatura plena em História.

Orientador: Prof.(a) Susel Oliveira da Rosa

GUARABIRA – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A474p Alves, Weverton Alexandrino
Parque Industrial [manuscrito] : as mulheres subversivas /
Weverton Alexandrino Alves. - 2015.
10 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Susei Oliveira da Rosa, Departamento de
História".

1. Parque Industrial. 2. Mulheres. 3. Trabalho Feminino. 4.
Discriminação. I. Título.

21. ed. CDD 305.4

WEVERTON ALEXANDRINO ALVES

PARQUE INDUSTRIAL – AS MULHERES SUBVERSIVAS

Aprovado em 04 / 12 / 2015

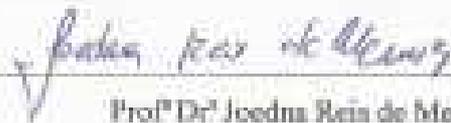
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr.ª Susel Oliveira da Rosa
Orientador



Prof. Dr.ª Edna Maria Nóbrega Araújo
Examinador



Prof. Dr.ª Jocelia Reis de Menezes
Examinador

GUARABIRA – PI

2015

PARQUE INDUSTRIAL – AS MULHERES SUBVERSIVAS

WEVERTON ALEXANDRINO ALVES¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é fazer uma análise sobre a obra Parque Industrial, de Patrícia Galvão, a partir de um romance da literatura nacional, em que é narrado de forma crítica o modo como se desenrolou a criação da imagem da mulher no mercado de trabalho e a política nas primeiras décadas do século XX: a situação sócio/econômica dos paulistanos; A opressão dos operários; E, tendo uma atenção mais detalhada, a forma como as mulheres eram toleradas nas fábricas. Observando as escritas, considerando a postura das feministas narrada nesta obra. Para entender um pouco mais sobre as pesquisas sócio-políticas, suas percepções da História das mulheres e do movimento feminino, também observar suas transformações ao passar dos anos tendo como base a interpretação de Pagu.

Palavra-chave: Parque Industrial, Mulheres, Trabalho feminino, Discriminação.

INTRODUÇÃO

A escritora do primeiro romance proletário da literatura brasileira Patrícia Galvão, também chamada de Pagu, escreve com uma linguagem simples o cotidiano das operárias, considerada rude muitas das vezes, uma escrita diferente do que era comum em sua época. Marcou seu tempo de uma forma única, revolucionando a escrita da mulher com uma proposta diferenciada, de como enxergar os desfavorecidos. Eo modo como era envolvida com a questão política e social, a autora estava fundida com os acontecimentos de seus dias. Sua obra Parque Industrial, que discorre sobre o cotidiano das trabalhadoras das fábricas do Brás na cidade de São Paulo e o sexismo vivido no processo de modernização da cidade.

É muito importante observar a relação entre a vida da autora com a História do Partido Comunista Brasileiro e ligar os fatos com o contexto do mundo capitalista que acabava de passar por uma grande crise econômica em 1929. O sistema foi abalado pela quebra da bolsa de valores nos Estados Unidos, que afetou diretamente a economia do nosso país.

Nas primeiras décadas do século XX o mundo passa por uma busca desenfreada pela industrialização e modernização do seu sistema econômico. Não diferente do resto do mundo o Brasil no início da década de 1930 vive este processo de expansão do sistema capitalista e

¹Aluno do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

com ele cresce também a classe operária. É neste contexto que é publicada a obra de Paguem 1933, que denunciava os maus tratos sociais e o descaso da política local.

Parque Industrial foi publicado em uma época de outras grandes publicações como O menino de engenho (1932) e O quinze (1930). Estas obras foram de grandes nomes da literatura brasileira como José Lins do Rego e Raquel de Queirós. Mas Pagu apresenta uma proposta bem diferente das narrativas regionalistas que tinha como foco retratar determinada região do país, tentando narrar de forma mais superficial.

O que é a história, finalmente, senão uma imensa lacuna, uma interrogação sem fim, um silêncio sem limites, cujas margens possíveis encontram-se no ruído do tempo, alcançado apenas através de algumas páginas em rascunho, algumas inscrições veladas, inapreensíveis traços do humano? Entretanto, no silêncio e na obscuridade da história, existe um inesgotável reservatório de relações humanas, de todas as formas e cores, escondidas por uma pretensa “natureza”, humana imutável, sede quase divina das determinações sociais de gênero. (SWAIN, 1996, p.130,131)

UMA ESCRITA SUBVERSIVA

Existe uma singularidade na obra de Pagu e na sua perspectiva feminista deixando transparecer a simpatia pelo comunismo.

O discurso de uma das feministas demonstra de forma muito clara a falta de intimidade com a realidade vivida nas fábricas. Estas sem nenhuma estrutura física que pudessem proporcionar condições mínimas de trabalho e nos galpões mal iluminados sendo obrigadas a se submeter a uma longa jornada entre 11 e 14 horas diária (PEDRO, 2012). Pagu demonstra sua insatisfação com este tipo de feminismo fingido de aparência, através de suas palavras, cujo debate não passava de caprichos.

— Se a senhora tivesse vindo antes, podíamos visitar a cientista sueca...
 — Ah! Minha criada se atrasou. Com desculpas de gravidez. Tonturas. Esfriou demais o meu banho.
 Também, já está na rua!
 O garçom alemão, alto e magro, renova os coquetéis.
 O guardanapo claro fustiga sem querer o rosto de Mademoiselle Dulcinéia.
 A língua afiada da virgenzinha absorve a cereja cristal.
 — O voto para as mulheres está conseguido! É um triunfo!
 — E as operárias?
 — Essas são analfabetas. Excluídas por natureza.

GALVÃO. *Parque Industrial*, p. 69.

Pagu não poupa críticas ao sistema burguês em suas descrições, o seu alvo era o feminismo branco elitista que marcou o que chamamos de primeira onda do feminismo, teve

início no século XIX foi marcado por grandes movimentos das mulheres na Europa e nos Estados Unidos, o movimento se consolidou em torno da luta pela voto, igualdade de direitos entre homens e mulheres, percebe-se a ironia na fala da feminista quando se refere a criada com um desprezo a sua classe social.

“[p] elas cem ruas do Brás, a longa fila dos filhos naturais da sociedade. Filhos naturais porque se distinguem dos outros que têm tido heranças fartas e comodidade de tudo na vida. A burguesia tem sempre filhos legítimos. Mesmo que as esposas sejam adúlteras virtuosas.” (GALVÃO, 2006, p. 17)

Logo fica claro a forma como a mulher operária é exposta como objeto de desejo erótico e diminuída a uma mão de obra barata, sua compreensão em criticar um feminismo inocente vem por dizer que a situação das mulheres só mudaria por uma transformação na mente da sociedade deixando transparecer o cuidado pela consciência de classe.

Ainda nas páginas iniciais a autora descreve como eram vistas as mulheres nas ruas do Brás, é perceptivo que existe uma diferença entre as mulheres pobres para as mulheres ricas, ela questiona também a fidelidade das mulheres da burguesia. Porque muitas das vezes a fidelidade das mulheres das classes inferiores eram questionadas pelo fato do trabalho fora de casa.

Seu discurso dialoga com a fala das personagens, que narra como era seu cotidiano, vemos neste trecho o horário do almoço: “saem para almoço das onze e meia. Desembrulham depressa os embrulhos. Pão com carne e banana. Algumas esfarelam na boca um ovo duro.” (GALVÃO, 2006, p. 20) vemos como o almoço das jovens proletárias era simples. As operárias não podiam perder muito tempo com a comida. É neste pouco tempo do almoço que elas dividiam entre si seus traumas e seus abusos.

Em Parque Industrial, Patrícia Galvão apresenta a mulher operária fazendo um recorte histórico do início do crescimento industrial de São Paulo, o romance é costurado pelas opressões e injustiças. Os fatos são narrados em diferentes cenários em sua maioria fala da busca pela sobrevivência a cada dia na fábrica, esta obra tem uma importância muito especial por ter sido escrita no calor dos fatos e narra a situação problemática que se encontrava o Brasil nos anos de 1930.

Por muito tempo a obra não foi valorizada nem compreendida no Brasil, podemos supor algumas justificativas do por que, da não aceitação desta obra, primeiramente pelo fato de ser escrito por uma mulher considerada subversiva, além de tudo que defendia uma classe

operaria, segundo por criticar o movimento da primeira onda do feminismo terceiro por participar da militância política do partido Comunista. Não podemos esquecer que nesta obra é tratado o conceito de classe social, com discussões bem à frente da sua época.

O crescimento industrial favoreceu um cenário propício a oportunidades de trabalho, incluindo a mão de obra feminina. A entrada da mulher no mercado de trabalho foi construída em cima de uma concorrência com os homens, com um discurso patriarcal e machista que eram eles responsáveis pelo mantimento da casa.

Foi assim que foram formadas as cicatrizes do preconceito e da dificuldade, apareceu na História das operárias diversos problemas nas últimas décadas do século XIX, entre muitos que as mesmas tiveram de passar como, por exemplo: salários inferiores aos dos homens mesmo exercendo a mesma função, ea falta de perspectiva de crescimento profissional. Restava para as mulheres tarefas menos qualificadas. (PEDRO, 2012)

As mulheres passaram a ter uma participação maior no mercado de trabalho a partir da industrialização, pela necessidade de mão de obra, as mulheres e crianças chamavam a atenção pelo custo benefício. Desde o início as trabalhadoras eram mal remuneradas e seus filhos na maioria das vezes eram levados para ajudar suas mães e não recebiam nada em troca. Eles trabalhavam normalmente no setor de vestuário, confecções e alimentação. (PEDRO, 2012)

Acorda com o alvoroço de mulheres entrando. São as emancipadas, as intelectuais e as feministas que a burguesia de São Paulo produz.

- Acabo de sair do Gaston. Dedos maravilhosos!

- O maior coiffeur do mundo! Nem em Paris!

- Também você estava com uma fúria!

- A fazenda, querida!

- O *Diário da Noite* publicou minha entrevista na primeira página. Saí horrenda no clichê. Idiotas esses operários do jornal. A minha melhor frase está apagada!

- Hoje é a conferência. Mas acho melhor mudarmos a hora das reuniões. Para podermos vir aqui!

- Será que Lili Pinto vem com o mesmo tailleur?

- Ignóbil!

- Ela pensa que a evolução está na masculinidade da indumentária.

- Mas ela sabe se fazer interessante.

- pudera! Quem não arranja popularidade assim?

- Ela ainda está com o Cássio?

- E com os outros.

O barman cria coquetéis ardidos. As ostras escorregam pelas gargantas bem tratadas das líderes que querem emancipar a mulher com pinga esquisita e moralidade. Uma matrona de gravata e grandes miçangas aparece espalhando papéis.

- Leiam. O recenseamento está pronto. Temos um grande número de mulheres que trabalha. Os pais já deixam as filhas serem professoras. E trabalhar nas secretarias... Oh! Mas o Brasil é detestável no calor!
(GALVÃO. Parque Industrial, p. 68)

São períodos simples e curtos para não cansar o leitor, com uma linguagem clara e muito inovadora, é de chamar a atenção como a autora escreve de forma direta, não aceitando os excessos da camada mais rica da sociedade paulista da época, a autora mostra também a falta de visão de algumas feministas que criticavam o modo de como se vestiam algumas delas, não era o fato de se parecer com um homem mais sim uma forma de resistência de dizer que poderia se vestir igual a qualquer um deles. As preocupações das feministas de São Paulo estavam longe da realidade de muitas mulheres pobres. Ou seja, seus desejos de igualdade só alcançavam as mulheres da elite letrada.

Desta forma vemos um país urbano em processo de construção. É importante focar que em sua obra as dificuldades com o proletariado são apresentados junto com as insatisfações das mulheres. Pagu defende acima de tudo o respeito e o direito pela liberdade seja ele moral, social ou até mesmo sexual.

Olhando a escrita desta obra vemos queixas e os desprezos quanto aos abusos sofridos pelas mulheres, as humilhações sofridas pelo sexo tido como frágil. Tudo isto, só por tentarem ser inseridas no mercado de trabalho. Observando por este prisma fica fácil ouvir a voz da sociedade trabalhadora. É neste período que ocorreu uma gradual urbanização e um grande crescimento demográfico no Estado de São Paulo. É perceptível na obra de Pagu o conhecimento do cotidiano das mulheres e seu zelo com o social, a autora faz questão de chamar a atenção para as questões sociais.

Se estivéssemos estudando a terceira lei de Isaac Newton de ação e reação, que ele percebeu se um corpo “A” aplicar uma força sobre um corpo “B”, receberá deste uma força de mesma intensidade em sentido oposto. Substituindo os corpos da lei de Newton pelos sexos masculino e feminino teríamos um resultado muito parecido, quando se trata dos interesses trabalhistas no início dos anos 30, com uma diferença, a ação de reprovação dos homens aplicadas sobre os interesses das mulheres resultou em uma reação de força maior em sentido oposto.

A ação de repúdio dos homens em relação ao sexo oposto no mercado de trabalho causou uma reação nas mulheres, elas passaram a reivindicar direitos igualitários entre os sexos, depois de muitas lutas e decepções conquistaram o direito legal, porém, faltava o cumprimento da lei, com a insatisfação do comportamento controlador exercido pelos

homens, as mulheres continuaram discordando até conseguir o direito ao divórcio e a entrada em cursos superiores.

TRABALHO E COTIDIANO FEMININO

A mulher por muito tempo foi silenciada pelas religiões e culturas ao redor do mundo, não foi diferente no Brasil. A importância da mulher é inegável para construção da sociedade. O que restou para elas foi um lugar de esquecimento e submissão imposta por uma cultura machista que rotulou as mulheres como sendo incapazes de serem iguais aos homens, tendo ainda um espaço físico definido por sua atuação interna e não valorizada, uma vez que sua responsabilidade se limitava ao lar, com o cuidado dos filhos e do marido, dessa forma, o que sobrava para a “rainha do lar” era uma casa para limpar, passar e cozinhar. Inclusive no Brasil esta teoria foi defendida e amplamente difundida na mídia através do rádio e dos jornais pelos discursos médicos.(ARAÚJO, J. A. C. 1920)

As mulheres viviam sob o rigor e controle dos pais, enquanto eles não encontrassem um bom partido para casar a filha, ou seja, por interesse pessoal ou político. Foi desta forma que muitas mulheres casaram sem ter nem um tipo de contato com seu futuro esposo, estas que antes viviam no controle dos seus pais, agora passaram a viver na sombra do marido. Controle este que impunha à mulher a condição de anonimato. Com o tempo cada vez mais mulheres passaram a rejeitar qualquer tipo de subjugação e opressão. (DEL PRIORE, 2011)

Desta maneira, as mulheres começaram a participar de modo informal no mercado de trabalho. Não sendo diferente, no Brasil a exploração da mão de obra feminina que era mal remunerada, conseqüentemente causava insatisfação que fez com que estas mulheres se organizassem. Com o tempo elas passaram a conquistar alguns apoios e com isto ganharam mais força no mercado e dia após dia as mulheres veem se estabelecendo.

O resultado das lutas das feministas da primeira onda resultou na conquista do direito ao voto feminino, a participação das mulheres na política. A constituição declara que a mulher passa ter direito ao voto a partir de 1932, foi neste ano que passaram a ser eleitores as pessoas maiores de 21 anos sem distinção do sexo. Não existia interesse dos homens em dividir o poder político com as mulheres pelo receio de facilitar assim a reivindicação de outros direitos para sua classe. Os movimentos sufragistas aumentaram consideravelmente principalmente com a participação do Partido Republicano Feminino. Apesar dos esforços a mulher só exerce de fato o seu direito ao voto em 1933. Por poucas vezes as mulheres

puderam exercer de fato este direito pelo motivo do golpe de 1937, quando o presidente Vargas fechou o Congresso Nacional. Depois de muito desdobramento na História política do Brasil foi que as mulheres passaram a utilizar o seu direito.

Com a participação das mulheres cada vez maior no mercado de trabalho acontece uma transformação na vida social, exemplo disto é o número crescente nas entradas das mulheres nos cursos de magistério, enfermagem e odontologia. O crescimento econômico foi o grande responsável pela implantação das mulheres no trabalho fabril outro foi a organização e desenvolvimento do movimento feminista, depois de todas estas transformações foi observado um aumento gradativo na escolaridade delas. Além de tudo o que já foi citado muitas das mulheres tem jornadas duplas, garantindo assim que são capazes de desempenhar mais de uma função com dedicação e muito esforço.(PEDRO, 2012)

Não só por que agora elas possuem independência financeira mas, por que elas passaram a ter uma renda complementar para ajudar à família, é devido a este discurso que a mulher foi inserida como força complementar no mercado de trabalho, com a desculpa de uma remuneração menor pelo fato de ser um complemento da renda do homem. (AQUINO, MENEZES E MARINHO, 1995)

É escondido nesta visão problemática, o movimento das feministas de primeira onda em São Paulo um projeto sólido para transformar a vida social de todas as mulheres em geral pobres e ricas, de encontro a isto vemos um grupo de mulheres privilegiadas que buscavam seus próprios interesses vivendo uma série de conflitos internos em que só iram ser discutidos muitos anos depois, podemos considerar a autora como uma feminista moderna para seu tempo, uma vez, que suas ideias eram para transformar a vida não só das mulheres da burguesia mais sim das mulheres operarias, pondo em discussão reflexões diferentes de seu tempo, como a inclusão de classes. Sua primeira preocupação era mostrar a situação que vivia as operarias e como se comportavam as feministas burguesas de São Paulo. A autora demonstra sua preocupação e desejo de introduzir as mulheres menos favorecidas, até mesmo as não alfabetizadas no processo de respeito a igualdade não sendo seletiva por sua classe econômica, vemos uma vontade mais ampla, em que todas as mulheres pudessem ter direitos. O comprometimento é reafirmado quando ela mostra que as mulheres pobres além de serem marginalizadas eram injustiçadas. Se preocupava com as questões identitárias, seus pertencimentos de classes e seus desdobramentos. Não escondendo os problemas mas sim discutindo, problematizando os pensamentos difundidos por gerações em nossa cultura. Ela incentiva a releitura da História das mulheres operarias em seu romance, deslocando a

imagem delas do silêncio para um grito da redescoberta e de sua valorização fazendo uma crítica a literatura, tendo como exemplo o Parque Industrial.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. A. C. **O problema dos casamentos consanguíneos**. Diário de Pernambuco. Recife, 03 jan. 1920, p. 03.

AQUINO, E.M.L.; MENEZES, G.M.S.; MARINHO, L.F.B. **Mulher, Saúde e Trabalho no Brasil: Desafios para um Novo Agir**. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/csp/v11n2/v11n2a11.pdf>. Acesso em: 05 set. 2014

DEL PRIORE, MRY. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: contexto, 2011, Páginas-254-289.

GALVÃO, Patrícia. **Parque Industrial**/Mara Lobo Rio de Janeiro: José Olympio, 2006

PEDRO, Joana Maria e **PINSKY, Carla Bassanezi (orgs)**. Nova História das Mulheres, São Paulo: contexto, 2012, Páginas-126-166.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coed. de textos), História das Mulheres no Brasil 9 ed. 2º reimpressão São Paulo: contexto, 2010.

SWAIN, Tania Navarro. **A Construção imaginária da história e dos gêneros: o Brasil no século XVI**, 1996, Páginas-130-131